

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CASSILÂNDIA
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

GEOVANA TURELLA PIZZUTTI

**LITERATURA E HISTÓRIA EM *AZUL CORVO*, DE ADRIANA LISBOA:
A MEMÓRIA RECUPERADA**

**CASSILÂNDIA/MS
2018**

GEOVANA TURELLA PIZZUTTI

**LITERATURA E HISTÓRIA EM *AZUL CORVO*, DE ADRIANA LISBOA:
A MEMÓRIA RECUPERADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –
Unidade de Cassilândia, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em Letras –
Habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Me. Rosicley Andrade
Coimbra

Cassilândia/MS

**LITERATURA E HISTÓRIA EM AZUL CORVO, DE ADRIANA LISBOA:
A MEMÓRIA RECUPERADA**

PIZZUTTI, Geovana Turella.

Literatura e história em Azul Corvo, de Adriana Lisboa: A memória recuperada 2018.

48 f.: 21 x 29,7 cm

Orientador: Prof. Me. Rosicley Andrade Coimtra

Monografia - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Cassilândia. Curso: Letras – Habilitação
Português/Inglês.

1. Memória. 2. Literatura. 3. Alteridade.

GEOVANA TURELLA PIZZUTTI

Literatura e história em *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa: A memória recuperada.

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras
– Habilitação Português/Inglês.

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Rosicley Andrade Coimbra
Orientador

Prof^a. Agata Cristina Kaiser
Arguidor

Prof^a. Telma Garcia Grande
Arguidor

Cassilândia/MS
2018

*A minha família, em especial ao meu noivo
Lázaro, por sempre estar ao meu lado.
Obrigada!*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de citar cada um e cada ato de ajuda que tive, porém isso não seria possível, se tornaria cansativo e longo.

Dessa forma agradeço a Deus por ter me dado sabedoria e força para enfrentar todos os problemas durante o período do curso.

Meus pais, Claiton e Eliane por me apoiarem, respeitarem, acreditarem e principalmente ignorarem minha falta de afeto e paciência.

Minha avó Eva por ser fonte de sabedoria e paciência, me oferecendo apoio e conselhos, que contribuíram significativamente para a criação desse trabalho.

A meu noivo Lázaro por compreender, ouvir, acalmar, me fazer feliz, e principalmente por não ter medido esforços para enxugar minhas lágrimas com risos.

Serei eternamente grata as pessoas que tive oportunidade de conhecer na graduação, em especial ao *Vale*, onde cada um dos integrantes somou em minha vida de forma imensurável e não permitiu que eu desanimasse.

A meu orientador Rosicley Andrade Coimbra, por ter me honrado com sua orientação em um tema tão interessante.

A UEMS campus de Cassilândia por me proporcionar a oportunidade de ensino superior em um curso maravilhoso, com ótimos professores.

Tenho certeza que irei levar para vida cada ensinamento tanto didático, quanto social que tive a honra de construir com a ajuda das pessoas que estiveram comigo neste período e nesse dado momento posso afirmar que foram nesses quatro anos que eu pude realmente me conhecer, compreender e construir minha identidade.

PIZZUTTI, Geovana Turella. *Literatura e história em Azul Corvo, de Adriana Lisboa: A memória recuperada*. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

LITERATURA E HISTÓRIA EM AZUL CORVO, DE ADRIANA LISBOA: A MEMÓRIA RECUPERADA

RESUMO

O seguinte trabalho analisa o romance *Azul Corvo* (2010), de Adriana Lisboa, a fim de mostrar como a literatura tem um papel importante na restituição da memória individual e também coletiva. A obra apresenta a história de uma garota que procura por seu passado para se auto firmar como pessoa, e assim possuir uma identidade própria. O presente trabalho procura destacar na análise do romance *Azul Corvo* a importância da memória familiar, coletiva e individual para a formação subjetiva do ser e a maneira como a literatura possui papel importante para a transmissão de memórias, sendo essas tanto coletivas, individuais e até mesmo indesejadas. Ressalta-se ainda como a obra ficcional possui a capacidade de restituição de fatos e formação da alteridade, diferindo da memória/história oficial que procura homogeneizar os fatos.

Palavras-chave: 1. Memória. 2. Literatura. 3. Alteridade.

PIZZUTTI, Geovana Turella. *Literatura e história em Azul Corvo, de Adriana Lisboa: A memória recuperada*. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

ABSTRACT

The following work analyzes the novel *Azul Corvo* (2010), by Adriana Lisboa, in order to show how literature plays an important role in the restitution of individual and collective memory. The work presents the story of a girl who searches for her past to affirm herself as a person, and thus to have an identity of her own. The present work seeks to highlight in the analysis of the novel *Azul Corvo* the importance of familiar, collective and individual memory for the subjective formation of being and the way in which literature plays an important role for the transmission of memories, being these collective, individual and even unwanted. It is also emphasized how the fictional work has the capacity for restitution of facts and formation of otherness, differing from the official memory / history that seeks to homogenize the facts.

Key-words: 1. Memory. 2. Literature. 3. Auterity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA.....	12
1.1 Memória.....	12
1.2 História.....	16
1.3 Literatura.....	20
2. ASPECTOS DA LITERATURA DE ADRIANA LISBOA	25
2.1 A autora	25
2.2 Algumas características da obra de Adriana Lisboa.....	26
2.3 <i>Azul corvo</i> : notas introdutórias.....	31
3. MEMÓRIA E HISTÓRIA EM <i>AZUL CORVO</i>	34
3.1 A memória contada	34
3.2 A necessidade de Vanja buscar seu passado	35
3.3 Viagem e memória.....	40
3.4 Memória, arquivo e literatura.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

O romance de memórias é uma obra literária tanto ficcional como biográfica, o qual possui a intenção de narrar a história de uma família. As primeiras publicações do gênero tratavam apenas de fatos isolados do dia-a-dia familiar, sendo intitulado como romance familiar. O gênero encontra seu declínio na segunda metade do século XX. Mas, conforme observa Zilá Bernd,

o gênero não desaparece, ressurgindo transfigurado ao longo do tempo. Contudo a grande transformação do romance de família se dá na pós-modernidade, na esteira do romance autobiográfico e auto ficcional da virada do século XX ao XXI, com o chamado “roman mémoriel” (romance memorial) (BERND, 2016, p. 407).

A partir do século XX e XXI, como afirma Bernd, esse gênero reaparece como romance memorial. O qual não visa fatos isolados de um dado momento, mas procura buscar memórias passadas transformando o personagem em herdeiro de um passado o qual busca conhecer e compreender.

A memória é tratada como um fator importante para a construção subjetiva do homem. A busca por um passado como forma de se auto afirmar e conhecer a si próprio, fazendo assim do homem o herdeiro de uma história. Essa história pode ser individual, diferente daquela homogeneizada pelos arquivos, podendo conter fatos ignorados pela história oficial. Enquanto as histórias não oficiais podem ser transmitidas por meios informais como a oralidade.

A literatura pode se tornar meio de transmissão dessas memórias/histórias ignoradas oficialmente, oferecendo espaço para que o passado seja transmitido. É no romance memorial que essas histórias ganham espaço. Dentro dele o passado pode ser contado e as lacunas preenchidas, tornando assim a obra literária carregada de sentidos e significados.

A literatura se difere do arquivo por ser capaz de construir alteridade aquele que lê, proporcionando a assimilação dos acontecimentos ficcíssimos com eventos individuais que são capazes de fazer com que o leitor sinta o que os personagens sentiram.

Este trabalho objetiva analisar o livro *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa. É um romance que narra a história de uma jovem chamada Edvanja/Evangelina/Vanja que procura por seu passado, mais especificamente procura pelo pai que nunca conheceu.

Para isso a jovem se muda para outro país e passa a conviver com seu padrasto o qual era um sobrevivente da guerrilha do Araguaia. A partir dessa descoberta, as memórias da

jovem se entrelaçam com as de Fernando (seu padrasto). Assim, a narrativa muda de foco quando o passado de Fernando vem à tona, e os motivos de sua saída do Brasil são revelados.

A obra nos mostra a necessidade de o homem buscar seu passado para compreender os outros e a si. Fernando é um sobrevivente da guerrilha do Araguaia que foge do país para se proteger. As memórias de Fernando, especificamente da ditadura, mostram como a literatura é um campo capaz de abarcar inúmeras memórias sem homogeneizá-las da maneira que as artes de modo geral são capazes construindo a alteridade necessária para que um passado obscuro venha à tona e, principalmente, não seja repetido.

Esse trabalho se divide em três capítulos, onde o primeiro apresenta as noções de memória história e literatura, o segundo apresenta características da escrita de Adriana Lisboa, e por fim o terceiro analisa a obra com base nas características citadas no anterior e as noções apresentadas no primeiro capítulo.

CAPITULO I

1 MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA

1.1 A memória

A definição de memória encontrada no dicionário Aurélio se resume em uma faculdade de reter ideias, impressões e conhecimentos adquiridos (2000, p. 456). Trata-se de um conceito extremamente objetivo e genérico que leva em consideração somente o conhecimento, deixando a questão da lembrança enquanto memória armazenada em segundo plano.

Contudo, quando pensamos no conceito de memória dentro da literatura ou de outra área afim, devemos pensar em uma ideia um tanto mais subjetiva, uma vez que ela tem sido objeto de estudo de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento, a filosofia, e a psicanálise.

Com a intenção de relaciona-la com a memória à uma concepção subjetiva, é interessante que outras áreas do pensamento que utilizam o subjetivismo em suas bases sejam analisadas brevemente.

Na filosofia a memória é tratada como uma “capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto a memória é vista como uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSÚ, 1990, p. 128). Dessa forma, pode-se ter a ideia de que a memória é acionada por situações que remetem ao passado, assim se mostrando inteiramente ligada com o presente, onde o portador da memória realiza a assimilação de acordo com suas percepções.

Pensar a memória é fundamental por seu papel na formação do indivíduo, através do qual se retém conhecimento, retoma vivências, sendo um aspecto significativo na construção de sua identidade. É uma temática que há muito tem despertado o interesse de filósofos e psicólogos na formulação de uma compreensão geral e definição (DOS SANTOS, 2017, p. 2).

Com essa afirmação se tem a ideia de que a memória, a partir de uma visão subjetiva, tem a função de construção do indivíduo. Essa área do conhecimento humano, a filosofia, leva em conta a subjetividade, vem à tempos procurando definir o conceito do tema.

O modelo definido tradicionalmente compreende a memória como um sistema de armazenamento de traços de vivências, o conteúdo das vivências

na memória seria imagético, acessado privadamente por um “olho mental”. Nesse sentido a lembrança se daria a partir do acesso a imagens na mente, o acesso a essas imagens dado por introspecção (uma definição ostensiva privada) levaria o indivíduo por intermédio de um sentimento de passado ou de familiaridade a reconhecê-las como lembrança (DOS SANTOS, 2017, p. 2).

Desse modo, a memória é tida como imagens individuais, acionada por eventos que remetem a elas a partir do sentimento da familiaridade dos fatos, quando o “olho mental” faz a assimilação do presente com o passado que foi armazenado como uma memória.

Ao analisar a memória de uma concepção psicanalítica freudiana, podemos considerar essa faculdade mental como um elemento importante para a construção da subjetividade humana. Não apenas uma análise puramente individual e funcional, mas uma dimensão social e cultural (FERRARINI, 2014, p. 109).

A partir dessa ideia é perceptível o uso da memória para a elaboração não apenas individual, mas também social e cultural, pois a partir da lembrança, os conhecimentos armazenados são transmitidos, contribuindo assim para a continuidade social e cultural.

Com bases nas afirmações de Ana Maria Rudge (2013) em seu artigo *Paradoxos da memória em psicanálise*, pode-se ter a noção de como a psicanálise freudiana trata a memória, como um fato que não está visível em primeira instância, mas internamente, é capaz de definir e construir ações e indivíduos.

Desde a memória infantil, que é esquecida, afirma-se que a memória ainda continua no inconsciente, determinando a formação individual do homem. São memórias desejadas e outras às vezes, causadoras de repulsas, definidas como “exiladas”. Podendo ainda, essas últimas, serem responsáveis por recalques e outros problemas psicológicos.

É perceptível, nas duas áreas brevemente mencionadas até aqui, a lembrança como um item fundamental para a formação do sujeito. Este ponto é importante para o trabalho, pois remete a um dos personagens do romance de Adriana Lisboa, Fernando, sobrevivente de um evento traumático e portador de memórias que podem contribuir para a escrita de uma história não oficial. Contudo, a memória pode se dividir em várias outras instâncias, como memória traumática, memória oficial, memória coletiva, memória subterrânea e memória individual.

Segundo Maldonado, o trauma é uma “experiência que não se representa ainda que deixe, inevitavelmente, marcas indelévels na memória” (2009, p. 45). Desse modo, têm-se a noção de que a experiência traumática não possui representação no indivíduo, mesmo que essa memória exista, pois ela está armazenada em sua memória individual.

As pessoas que vivenciaram experiências traumáticas se dividem entre aquelas que gostariam de transmitir esses fatos e aquelas que desejam esquecê-los, mostrando assim que cada pessoa lida de forma diferente com o trauma. “Bem como os indivíduos que tentam recordar e contar suas trajetórias de vida, também se deve lembrar das pessoas que almejam esquecer as situações traumáticas do seu passado” (TOMASI, 2012, p. 76).

Desse modo, a memória traumática é aquela que ocupa um lugar inextinguível na memória, e qual pode causar diferentes reações ao indivíduo, em que alguns sentem a necessidade de transmitir suas experiências, enquanto outros procuram mantê-las esquecidas de modo a facilitar o falso esquecimento.

Independente da opção escolhida, essa memória pode levar ao silêncio, ou pela decisão de não se expressar, ou pelo fato de quando o homem que possui um trauma resolve transmiti-lo e acaba por não encontrar testemunhas passíveis a ouvir as lembranças insuportáveis que ele comporta (TOMASI, 2012, p. 73).

Já a memória coletiva, segundo Pollak (1989, p. 3), é aquela que os homens possuem acesso diariamente, representada por pontos de referência como monumentos, costumes, construções, folclore, músicas, ou seja, ela é algo comum a um determinado grupo, algo incessantemente lembrado.

Porém a memória coletiva possui um caráter problemático, pois apenas faz conta dos grupos dominantes, deixando em segundo plano os marginalizados, procurando uniformizar os fatos, de modo que, apenas a memória que convém historicamente e represente lucros seja contabilizada. Através da memória coletiva é possível ter a ideia da memória oficial, sendo ela não muito diferente, possuindo apenas os fatos estritamente selecionados e nivelados que constituem a história contada nos livros didáticos.

Conceituando a memória coletiva e a oficial, nos deparamos com a memória subterrânea, que foi intencionalmente não divulgada por possuir elementos que seriam capazes de acusar e denegrir a imagem de um certo grupo dominante, ou por representar as minorias. Ela é descrita por Pollak “como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem a memória oficial, no caso a memória nacional” (1989, p. 4). E ainda,

ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados (POLLAK, 1989, p. 4).

Pollak apresenta a memória subterrânea como aquela que pertence às minorias, que são uniformizadas pelas classes dominantes e ignoradas pela memória oficial. Porém, essas memórias existem e se mantêm silenciadas, para que no momento propício possam ser lembradas, contadas e só assim derrubar a maneira como uma memória é tratada, possibilitando novos pontos de vista, que incluem a visão das classes marginalizadas.

A memória subterrânea existe dentro de cada ser humano que presenciou algum acontecimento que foi desconsiderado e/ou marginalizado, tornando sua transmissão informal. Ocorre muitas vezes em relatos orais, outras vezes presentes como forma de denúncia na literatura, criando um emaranhado com a memória individual, esta que representa as experiências de um fato coletivo de forma única em cada ser. É o caso a ser tratado na obra de Lisboa, onde o personagem transmite sua memória individual, apagada pelas classes dominantes. Trata-se também de uma memória traumática.

É inegável a importância da memória para a restituição de fatos passados, como exemplo a ditadura militar brasileira (1964-1985), quando o Brasil foi forçado a viver conforme as rígidas leis dos militares, que instalaram no país um governo ditatorial depois de deporem o presidente eleito João Goulart em um golpe apoiado por setores da sociedade civil, principalmente da elite burguesa. Contudo, existiam grupos contra essa forma de governo, organizados de forma contrária a esse sistema, criando assim as resistências. No Brasil, um desses grupos se encontrava na região do rio Araguaia, no norte do país.

Quando pensamos na ideia de memória, dentre todas as áreas que abrange, não podemos deixar de pensar que ela tem um papel fundamental na elaboração da história e principalmente da história interrompida/apagada que se tem na ditadura militar brasileira sendo a transmissão dessa lembrança capaz de restituir fatos e preencher lacunas até então desconhecidas.

Jeanne Marie Gagnebin afirma em seu livro *Lembrar Escrever Esquecer* que “somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não o repetir infinitamente, mas a ousar esboçar outra história, a inventar o presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Podemos pensar assim, que o homem estaria fadado a repetição contínua de atrocidades caso não existissem a história e a memória. Com a ditadura podemos ter a ideia da sua tentativa de ser eliminada da história, mas graças a memória individual é possível que isso não seja completamente esquecido.

A memória é capaz de criar um capítulo importante na história da humanidade, que está fadada a não conhecer alguns fatos lançados no esquecimento deliberado pelas forças que governam o mundo político.

Em *Azul Corvo* descreve-se em primeira pessoa as memórias de uma jovem chamada Edvanja/Evangelina/Vanja, que passa por conflitos tanto adolescentes quanto familiares depois de se mudar para os Estados Unidos, onde viverá com seu padrasto Fernando, um sobrevivente da guerrilha do Araguaia. Vanja se prontifica a ouvir suas histórias até então nunca reveladas, tornando-se assim, uma testemunha do que aconteceu.

1.2 História

A História, assim como a memória oficial e coletiva, representada muitas vezes por monumentos, construções, costumes e culturas, está presente em livros didáticos e oficiais, a partir da concepção de historiadores que buscam a fundo provar verdadeiras as informações obtidas. (POLLAK, 1989, p.03)

Contudo, assim como a memória, se divide em diversas áreas, onde nos atemos a algumas das quais, a história mundial, nacional, local, interrompida e pôr fim a contribuição destas para a sociedade e indivíduo.

Entende-se por história mundial aquela que estuda as ações do homem/nação ao longo dos anos e séculos, essa possui o objetivo de organizar de forma cronológica os grandes feitos e acontecimentos de toda humanidade, abrange os fatos de forma a considerar apenas os de maior relevância, em considerações mundiais, pois esta tem a intenção de descrever a história como um todo, e a influência de uma nas demais, como exemplo as duas Grandes Guerras, a primeira em 1914 a 1918 centrada na Europa e a segunda transcorrida no período de 1939 a 1945 que envolveu grande parte das nações mundiais, principalmente as grandes potências, é compreendido que a primeira influenciou a segunda. Considerando este exemplo podemos notar que se trata de uma história mundial, pois quando é contada abrange o conflito de forma geral sem grandes especificações e descrições.

Já a história nacional concentra em sua unidade fatos que ocorreram somente dentro de um território limitado, também de forma cronológica, utilizando de meios que comprovam a influência de fatos sociais de forma mais detalhada, e como estes desencadearam os conflitos internos de grandes proporções, levando em conta a diminuição de fatos a serem tratados. Os eventos possuem mais detalhes, são considerados acontecimentos que não influenciaram outras nações, como exemplo a Guerra de Canudos, ocorrida no nordeste do país, mais especificamente na Bahia, descrita em um livro intitulado *Os Sertões*, que talvez

somente por ele tenha ganhado a proporção necessária nacionalmente. É importante levar em conta que essa historiografia prefere reputar fatos que oferecem contribuição e continuação na evolução ou então aqueles que fizeram regressão na democracia nacional.

Ainda dentro da história nacional, se tem a local, que pode considerar fatos de um estado, cidade e até mesmo amontoado de municípios independentes da divisão demográfica. Por se tratar de um território ainda menor, a história nacional considera a maioria dos fatos, causadores de revolta, ou feitos e descobertas que contribuíram para a visibilidade local, comportando um maior número de informações e descrições.

Em suas diversas áreas de atuação é inegável que a História possui o papel de investigar fatos e comprovar acontecimentos por meio de relatos e documentação, ainda mais quando se trata da história oficial ligada a fatos políticos. É de grande importância a existência de documentos sólidos que possam garantir a credibilidade desses acontecimentos, entretanto esses documentos podem ser destruídos, de forma a não comprometer os participantes, constando assim como irreais. Nesse caso específico é atribuído o nome de história interrompida.

No Brasil possuímos um exemplo de grande escala. No período entre 1964 a 1985, o país sofreu o chamado Golpe Militar, quando João Goulart, conhecido como Jango, em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros, foi nomeado presidente da República. Governou até 31 de março de 1964, quando foi deposto pelos militares que tomaram o poder.

No momento em que Jango assumiu a posição, conforme descrito por Corrêa, o país enfrentava problemas de escala econômica, social e cultural. O novo governo possuía ideais declaradamente de esquerda, pretendia realizar movimentações políticas, as quais incluíam os setores urbanos, bancários, eleitorais, que de alguma forma buscavam diminuir a questão da desigualdade social deixada pelo governo anterior.

As medidas propostas causavam incômodo a partidos relacionados a ideais de direita, pois uma de suas intenções era permitir o direito ao voto dos analfabetos, os quais constituíam a maior parte da população brasileira, o que causaria uma grande mudança nos partidos dominantes. O que mais incomodava os partidos contrários era o movimento de esquerda vir ganhando força e se mostrando cada vez mais organizado. Porém nada perturbava mais do que a proposta da reforma agrária.

O presidente tinha a noção de que a circunstância das terras estarem distribuídas apenas em grandes proporções, acarretava de um lado riqueza e boas condições de vida, porém de outro, muito maior, pobreza e analfabetismo, os quais limitavam o acesso a industrialização, isso levava a um retardo no desenvolvimento econômico nacional, além de

que a existência de conflitos de grande proporção eram comuns. As propostas além de estabelecerem um clima mais pacífico ao país, ajudariam economicamente.

A reforma agrária, como descreve Grynszpan (2017), dependia da aprovação do congresso, o qual não estava satisfeito. Havia também a necessidade de indenização aos donos das terras, que sofreriam desapropriação. Diante de tantos empecilhos, João Goulart decidiu que se essa medida não fosse tomada de forma pacífica seria forçada, com isso perdeu apoio de outros partidos, impulsionando o golpe de 1964.

O golpe, que começou a ser elaborado, desde o início de 1961 (quando o até então presidente assumiu), pelos grupos conservadores e pelas Forças Armadas em diálogo com os EUA, os quais financiavam campanhas e partidos contrários como forma de enfraquecimento ao governo atuante. Dois anos depois de assumir, em 1963 um grande embate se instalou entre os governos de direita e esquerda, onde os dois se mostravam bastante atuantes no cenário político, ainda mais que a reforma agrária não pode ser executada, dessa forma favorecendo a direita.

A situação se tornou pior, quando em uma entrevista concedida a um jornal dos Estados Unidos, o governo foi descrito como um governo de incertezas, com isso o atual presidente declarou estado de Sítio (medida que suspende temporariamente os direitos e deveres da população), que não foi aprovado pelo congresso, assim perdeu apoio e popularidade. Com inflação anual de 79,9%, e crescimento econômico baixo (1,5%) o país enfrentava restrições internacionais. Dessa forma, os Estados Unidos passaram a financiar o golpe por meio dos governos de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em 13 de março de 1964, Jango mobilizou cerca de 150 a 200 mil cidadãos, com a intenção de reestruturar seu poder, em um comício, intitulado *Comício da Central do Brasil*, por mais de 4 horas. Nesta ocasião estabeleceu que a população decidiria sobre suas propostas por meio do voto.

Dessa forma o congresso suspeitou que a realização das reformas seria obtida a força, com isso foi criada a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, a qual comportava as famílias da classe média e dos setores políticos conservadores, onde mais de 500 mil pessoas participavam, na praça da república em São Paulo, pedindo o afastamento de João Goulart. A qual convencia a população e se espalhava para outras capitais.

A união das forças armadas em favor do golpe ocorreu após o presidente se manifestar em relação a revolta dos marinheiros, desconsiderando as autoridades militares. Em vista disso sob a liderança do general Olympio Mourão, as tropas de militares foram mandadas ao Rio de Janeiro.

A intervenção militar teve início em 31 de março de 1964, e foi concluída na madrugada de 02 de abril do mesmo ano. Desde então o país foi declarado sem presidente, e nas mãos dos militares, que o governariam até 1985.

Desde então, o Brasil passa a ser governado pelas estritas leis militares, as quais promoviam a censura, a perseguição, a falta total de democracia e a repressão aos que se declaravam contra o governo militar. As propostas criadas por Jango foram proibidas e laços com partidos socialistas foram cortados. Todas as formas de manifestação contra o governo eram respondidas de forma violenta e opressora pelos militares.

Em vista desses fatos surgiram as guerrilhas, as quais lutavam contra as barbáries do governo, mas para isso era necessário que os guerrilheiros permanecessem no anonimato, criando nomes fictícios e se escondendo. Uma das maiores e mais resistentes guerrilhas era a Guerrilha do Araguaia que se escondia na mata situada entre os estados de Tocantins e Pará, e como forma de proteção se mantinham armados.

Essa guerrilha existiu entre os anos de 1972 a 1975. A partir daí se tem um exemplo de história interrompida ou apagada. Nesse espaço de tempo, grupos de militantes viveram em condições de extrema insalubridade, obrigados a sobreviver dentro de matas desconhecidas como forma de não serem aprisionados e torturados pelos governantes, os quais queriam de todas as formas reprimir movimentos socialistas, e para isso utilizavam da força bruta.

Os guerrilheiros contavam com o apoio de camponeses, e faziam suas manifestações em vilarejos afastados, onde conversavam com a população sobre as propostas que possuíam. Dentro desses movimentos existiam profissionais de diversas áreas, que haviam decidido lutar por um país sem repressão.

Os militares realizavam buscas incessantes pelos guerrilheiros, torturavam-nos para obterem informações e por fim os matavam, queimavam tanto os corpos quanto qualquer prova que pudesse incriminá-los com a intenção de não deixar rastros de suas atrocidades.

Em vista dos fatos não existem registros oficiais suficientes que possuam a capacidade de provar verdadeiros os acontecimentos desse período por conta de medidas governamentais para tentar apagar, interromper, cortar esse período da história, mas graças ao relato da população que possuía contato com os guerrilheiros, familiares e até mesmo os próprios integrantes do movimento que sobreviveram, é possível que essa história seja restituída.

A partir da concepção de diversas áreas que abrangem a história, deve se pensar na importância desta para a humanidade, pois a historiografia é responsável não só pela documentação, como também para a informação dos indivíduos, reflexão que de certa forma

contribui para que fatos negativos não sejam repetidos continuamente, e sim lembrados, como forma de alerta.

1.3 Literatura

A literatura tem se mostrado um documento importante para a restituição de fatos até então apagados da história oficial. Entende-se que a literatura é:

ficcional, mas não por isso menos “real”, permite assumir a literatura e a ficção como um território potencial de restituição efetiva e afetiva para tecer uma memória pública dos desaparecidos políticos e de modo mais geral dos traumas repressivos dos anos de autoritarismo (VECCHI, 2015, p.1).

Entende-se que os romances são obras ficcionais, dessa forma, levando em conta o sentido literal da palavra, iremos concluir que esta não é documental, mas como afirma Vecchi, a literatura pode ser importante na restituição de acontecimentos oficialmente apagados.

Comportando o poder de abarcar a dor e o sofrimento por meio das memórias de quem esteve presente no período repressivo, tornando público os fatos, tanto das intenções das guerrilhas, como os resultados, de modo que por ser considerada ficção não será alvo de represálias. Conforme observa Ana Cecilia Olmos

a literatura colocou em circulação uma diversidade de estratégias narrativas que trazem a um primeiro plano a inevitabilidade dos vínculos que, em situações de exceção social, se estabelecem entre o estético, o político e o ético. Trata-se de vínculos irreduzíveis seja porque a literatura se opõe a univocidade de um poder hegemônico e se propõe como uma voz outra em substituição de um campo político anulado (OLMOS, 2012, p. 133).

Ao se opor às políticas que exercem poder sobre a liberdade de expressão, a literatura abre portas para que o mesmo acontecimento possa ser contado de diferentes formas e pontos de vista, assim permitindo que momentos históricos anulados politicamente possam ser representados, permitindo assim, que as vozes que foram caladas possam ser ouvidas.

Vecchi (2015, p. 3) considera que “a literatura em suma, como as artes de modo geral, como o lugar onde o impossível se torna possível”, compreendendo assim, que somente as artes possuem a capacidade de criar, recriar e desvendar fatos até então inimagináveis.

Quando pensamos na restituição de fatos, logo se tem a ideia de documentação por meio de entrevistas, porém a literatura tem se mostrado uma ferramenta eficaz para isso, pois comporta tanto fatos físicos, como a subjetividade dos personagens, que são retratados não de

forma literal, mas artística, demonstrando como a arte é capaz de transmitir muito mais que informações, e sim sensações, sentimentos e empatia. Desse modo a literatura se transforma em um meio de memória social, dos tempos mudos, capaz de aliviar o peso insuportável da memória censurada das vítimas.

Essa arte apresenta no âmbito da história oficial um local aberto onde novas interpretações são possíveis, levando em conta o testemunho e o trauma, “ a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela humilhação” (FIGUEIREDO, 2017. p.43).

É através da subjetividade construída graças à memória que a obra literária torna expressivo algo até então silenciado, levando em conta a dor, o sangue derramado pelas vítimas, e suas feridas traumáticas, utilizando assim da comoção e identificação dos leitores.

Para Olmos (2012, p. 138) “essas narrativas sugerem que a verdade do acontecido não é unívoca, nem está dada de antemão, mas que se constrói na dimensão subjetiva de uma diversidade de experiências históricas”. Desse modo a narrativa tem o poder de oferecer diversas interpretações aqueles que leem, oferece ao leitor a capacidade de interagir historicamente a partir da subjetividade, ou seja, a literatura, diferente do arquivo, é capaz de oferecer diferentes interpretações baseadas em acontecimentos individuais, mesmo que ligadas ao mesmo fato histórico.

Figueiredo (2017, p. 44) apresenta a ideia de que “a ficção não é sinônimo de fantasia e de imaginação: trata-se, antes, de uma estratégia ordenadora de linguagem a fim de criar uma narrativa legível, compreensível”. Com isso se tem uma noção mais clara da forma como a ficção atua no âmbito documental, utilizando de meios e processos estéticos como forma de descrever e dar continuidade a algum acontecimento da esfera real, sendo assim realiza a imitação da realidade, de forma verossímil.

A literatura ficcional utiliza desse processo para a continuação e preenchimento de lacunas históricas, utilizando a memória como aliada para que essa história não seja apenas uma história oficial e homogênea, oferecendo a possibilidade de leituras e interpretações mais coesas e inteligíveis dos acontecimentos. Sendo capaz de captar o particular, “por essa razão, a literatura, ao recriar o ambiente de tensão e do horror, a identificação do leitor, suscita a emoção e a compreensão ao mesmo tempo” (FIGUEIREDO, 2017, p. 45).

Dessa forma, a obra não narra apenas o fato em si, mas também, o antes, o agora, os lugares e as sensações que tanto os personagens sentem, como as que os locais transmitem, sendo capaz de permitir que o leitor encontre o outro, compreenda o outro, e somente assim, compreenda realmente o horror e os medos de quem esteve lá.

Somente quando a alteridade entra em ação é que se torna possível a compreensão e a compaixão por aqueles retratados, e principalmente a amplitude do assunto passa a ser considerada.

Os arquivos oficiais, utilizam-se apenas de fatos em si, ignorando detalhes sórdidos, e do mesmo modo não pretendem transmiti-los. Enquanto isso a literatura utiliza desses detalhes considerados sem importância para construir sensações, que podem ser sentidas por quem lê, por meio de narrativas ficcionais, ou não, procura recriar os momentos de angústia daqueles que o viveram, como forma de arquivar a dor e as feridas.

Os arquivos, em sentido estrito, são documentos de leitura árida reservados aos historiadores, enquanto a literatura atinge um público amplo...Diferentemente do arquivista e do historiador, o escritor de literatura, ao se debruçar sobre a memória e sobre o arquivo, cria narrativas a fim de dar testemunho pessoal da história. Ao escrever para um público mais amplo, o autor encontra no leitor um elemento ativo na transmissão da memória para que não se apague aquilo que afetou a vida das pessoas (FIGUEIREDO, 2017, p.46).

A partir desse fragmento da obra *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, é possível se ter a ideia da função literária nesse sentido, pois a literatura é capaz de alcançar um público maior do que o documento. Sem falar que a história documentada, por possuir caráter homogeneizador, não é de fácil fixação, enquanto, na narrativa de memórias, o leitor pode se identificar e comparar experiências, essas guardadas de forma mais segura, por possuir um caráter subjetivo.

A literatura voltada para a documentação das atrocidades militares, se divide em três fases as quais correspondem aos períodos de 1964 a 1979, 1980 a 2000, e 2001 aos dias de hoje, onde todas elas independentemente do período transmitem a atmosfera opressora dos anos da ditadura. O primeiro período representa o homem diante da situação provocada pelos anos anteriores, em um momento utópico e em outro diatópico, onde alguns personagens entram na luta com ideais revolucionários e outros desistem diante dos fatos, das consequências e da forma como as vítimas lidam com todo aquele amontoado de informações silenciadas.

São livros baseados em cartas dos prisioneiros, se destacam livros de denúncia, alguns escritos por pessoas influentes que não sofreriam consequências. Foram muitos romances, contos, e poemas, que representam, a luta, a prisão e a morte dos militantes.

Mostram os impasses a que levou a luta armada, a tortura e a morte dos militantes, o despreparo das organizações de esquerda que não ofereceram a infraestrutura necessária para realizar a revolução e, sobretudo, não ofereceram notas de fuga nem avaliações mais sensatas para se evitar a culpabilização que acarretou tanta morte inutilmente. (FIGUEIREDO, 2017, p. 63).

Com base nessa afirmação, é apresentada a noção que este período foi um momento de desabafo daqueles que se encontravam no conflito e de seus familiares. Um momento em que justificavam suas ações, e suas consequências, a forma que o despreparo tanto dos guerrilheiros como das organizações contribuiu para os acontecimentos.

No segundo período o que predomina são as autobiografias daqueles que foram exilados e voltaram ao Brasil, dos que foram libertos das prisões e da clandestinidade, esse gênero teve aparecimentos no primeiro período, contudo foi censurado, e somente no segundo período que ganhou seu espaço.

O período se caracteriza pelos relatos autobiográficos e por romances parcialmente autobiográficos, nos quais se evidencia um teor testemunhal marcante. Esses relatos tiveram grande repercussão na época e operam uma espécie de catarse coletiva após um período de cerceamento da liberdade e de censura da imprensa. (FIGUEIREDO, 2017, p. 86).

Esse período constitui o momento em que aqueles que sofriam com as lembranças e sentimentos reprimidos puderam expressar de forma libertadora os momentos que vivenciaram diante do militarismo. Agora sem a censura teriam a possibilidade de se libertarem de emoções nocivas.

O terceiro e último período perdeu seu teor autobiográfico, é retrospectivo, pode ter personagens reais ou fictícios, utiliza o romance para sua execução, o tema predominante é a tortura e a desaparecimento dos militantes, alguns possuem o peso das vidas e das lutas perdidas e desperdiçadas.

É de se destacar o fato de se tratar de textos ficcionais que, embora conservem um lado testemunhal, se distanciam do puro testemunho porque os autores não são superstes, não foram vítimas diretas da repressão, ou, pelo menos, não se apresentam no papel de vítimas de tortura. São romances que transfiguram as experiências, considerando que, em sua maioria, os autores eram jovens durante os anos da ditadura, conheceram-na de perto e podem reelaborar o vivido no modo ficcional. (FIGUEIREDO, 2017, p.87)

Desse modo os autores do terceiro período representam a ditadura como um fantasma que ainda assombra o país, que a experiência traumática ainda vive e que ainda precisa ser conhecida e trabalhada.

CAPITULO II

ASPECTOS DA LITERATURA DE ADRIANA LISBOA

2.1 A autora

Nesse capítulo, características literárias da autora serão abordadas brevemente, a forma como seus personagens são apresentados, representados e, principalmente, a maneira como Lisboa lida com o fator existencial e as problemáticas internas de suas criações. Desse modo, este capítulo possui a finalidade de discorrer sobre algumas das características literárias da autora de forma geral.

Adriana Lisboa Fábregas Gurevitz nasceu no Rio de Janeiro em 1970. Tradutora, romancista, contista e autora de histórias infantis e juvenis. Graduada em música pela UFRJ em 1994, doutora em Literatura comparada pela UERJ, foi professora de 1992 a 2000. Estreou na literatura em 1999 e desde 2007 reside em Austin nos Estados Unidos, onde trabalhou como tradutora até 2012. Desde então dedica-se somente a literatura e a trabalhos voluntários com refugiados na *Lutheran Family Services* (Serviços Familiares Luteranos), em Denver, EUA.

Escritora de literatura brasileira, foi vencedora do prêmio *José Saramago* em 2001, com a obra *Sinfonia em Branco* (2001), considerada como uma importante revelação da nova literatura brasileira. Em 2007 foi considerada pelo projeto *Bogotá* como um dos 39 mais importantes autores latino-americanos até 39 anos.

Em entrevista concedida ao site da Saraiva/*Adriana Lisboa, simplicidade e disciplina*, a autora afirmou: “*Pensar em ser escritora era como pensar em ser astronauta, uma coisa assim um pouco fora da realidade. Eu não sabia que era uma profissão viável, possível. Fui fazer uma outra coisa também não muito viável, que é trabalhar com música.*” com formação nessa área, a autora viu na pós-graduação em Letras na UERJ a possibilidade de enveredar pela carreira de escritora. O romance *Um beijo de colombina* foi apresentado como uma dissertação de mestrado. Visto em perspectiva, essa escolha parece indicar o reconhecimento da academia como um caminho possível de abertura para a afirmação de uma carreira como escritor.

Hoje os livros de Adriana Lisboa encontram tradução em dezessete países, sendo uma das poucas autoras brasileiras traduzidas nos Estados Unidos, onde vive atualmente. Também é possível arriscar que o recebimento de prêmios literários seja um incremento importante de consolidação do nome da autora, já que Lisboa foi premiada com bolsas da *Fundação Japão* e

da *Fundação Biblioteca Nacional do Livro*, para criação dos romances *Rakushisha* e *Um beijo de colombiana*.

2.2 Algumas características da obra de Adriana Lisboa

Adriana Lisboa totaliza 6 romances os quais são: *Os Fios da Memória* (1999), *Sinfonia em Branco* (2001), *Um beijo de colombiana* (2003), *Rakushisha* (2007), *Hanói* (2013), e *Azul Corvo* (2010). Desde sua primeira obra, *Os fios da memória* (1999), Lisboa trata de assuntos voltados ao passado de seus personagens, utiliza-se de narrativas não lineares, fragmentadas, trabalha com a resposta do homem em relação a eventos passados.

Seus textos possuem a “forma representativa do estar-no-mundo”, conforme descrito por Felix, com a apresentação de seus personagens como seres que vivem, e possuem a função de representar algo além da sobrevivência, procura levar em conta a maneira como os personagens lidam em relação a seus familiares, em especial, com a memória, “assim marcando as chaves que os definem, a narrativa coordenam seus caminhos e as formas como lidam com sua condição.”(FELIX, 2011, p. 93).

Os personagens são marcados pelas “chaves” que são a forma como lidam com o passado, o presente e com os acontecimentos que os transformaram no que são. A narrativa de Lisboa justifica a condição e a forma como se lida com o passado.

Uma característica marcante em suas obras é o fato de se ter o “amadurecimento como reconfiguração da dor” (FELIX, 2011, p .94). Trata os personagens como seres em evolução, e para tal, necessitam da reconfiguração interna, que se fazem a partir das questões íntimas do homem. Por meio de reflexões e aceitações, que vem acrescidas do amadurecimento, sendo este representado pelo fato da atribuição dos traumas como experiencia, e a partir desta reconfigurar a sua condição.

Suas narrativas passam a ideia de que a autora utiliza dos silêncios e das vozes, onde os silêncios procuram dizer mais. Trata do espaço como fator importante nas questões existenciais dos personagens, usados como representação emocional daqueles que lá se encontram, também possui a forte representação das marcas que constituem o antes de tudo, que constituem a condição de o fato não ter ocorrido, e o que poderia ter acontecido.

O tempo entre o passado e o presente narrativo representa a transição dos personagens, a evolução ou involução psíquica, voltadas principalmente para a descrição minuciosa das cenas que modificaram o ser e como esse ser lida com a modificação, descreve as cores, e o estado de espírito do momento passado e do momento atual, como já dito com auxílio dos lugares, e suas interpretações individuais.

Os personagens lidam com cenas que são dolorosas a eles, de forma a se libertarem dos traumas como mecanismo de adquirir paz interior, demonstrar que aquilo tornou-se importante para o ser, pois configurou a existência, a forma como equilibram os fatos. Com a influência deles em si, Lisboa procura mostrar como os fatos transcorridos no passado configuram a personalidade, suas ações, e suas cautelas, de modo a deixar claro a importância da memória para a formação individual (FELIX, 2011).

De acordo com Felix (2011, p. 97), as imagens do agora, do novo, relembram o passado, entre semelhanças e diferenças, onde os personagens assumem a postura de comparatistas do tempo passado e do tempo atual, descrevem sensações, culturas e tradições às quais são apegados durante esses episódios, o que mudou e a forma como a mudança afetou o eu, imitando sentidos específicos, através da imagem, “um fluxo emotivo por associação, que transmite a compulsão de recorrer a imagens marcantes como uma forma de compreendê-las.”

Dessa forma, a experiência traumática é reproduzida de modo a tentar explicar e compreender os acontecimentos, assim como o porquê deles. Essa representação dos personagens mostra a tarefa do escritor modernista, como afirmou Felix, que é de representar o ser dentro de seus traumas e dores, construindo alteridade com os leitores, mostrando a percepção do homem, como realmente é, sendo ela não sequenciada, e sim fragmentada, o desnudamento do momento atual, mostrando o que há por trás dele, e o que o transformou (2011, p. 98).

É comum nas obras de Adriana Lisboa personagens que entram em contato com realidades traumáticas, inflexíveis, que se mostram contrárias à racionalidade, até então considerada como real, contradizendo tudo o que era considerado como correto na civilização.

Com isso, os personagens se desprendem da realidade ideal e compreendem o mundo como ele pode ser em relação aos direitos e deveres, os quais podem ser modificados em relação à situação, aos interesses daqueles envolvidos, ou até mesmo quando se deparam com o preconceito, com isso passam a desacreditar nas questões éticas. A partir desses acontecimentos os personagens precisam se equilibrar entre as promessas e esperanças de dias melhores e a animalidade humana, a qual causou e ainda causa feridas (FELIX, 2011, p. 99).

Suas obras mostram o processo psicológico pelo qual os personagens necessitaram passar, e como reagiram a estes, até o ponto em que se sentiram seguros o suficiente para encararem seus traumas, de forma racional.

Neves (2015, p. 139) afirma que o amor, a morte, a crise emocional e o sofrimento, são os formadores da personalidade dos personagens de Lisboa, fatos primordiais para o

amadurecimento, para a construção individual e subjetiva. Seus personagens só se tornam seres completos quando compreendem o sentido desses fenômenos e passam a acreditar na necessidade deles para as suas transformações.

A partir dos acontecimentos narrados, Lisboa oferece ao leitor a ideia de que a morte é um elemento impulsionador. Após os personagens terem o primeiro contato com o luto, se sentem pressionados a seguir novos caminhos, a realizar os sonhos até então adormecidos, ou a desistir deles por inteiro, pois quando se tem a morte, pensa-se sobre a vida, o seu real sentido, seus valores, e o que realmente vale a pena, e isso é representado de forma marcante nos personagens, que constantemente refletem sobre a existência, e o porque dela. Essas dúvidas se tornam marcantes, causando, assim, a necessidade da progressão, ou a decadência do indivíduo.

A maior parte do enredo narrado por Lisboa se mostra lento, sem acontecimentos marcantes, prendendo, desse modo, a atenção daquele que lê por ansiar pelo clímax: em momentos descreve a história linear, os locais, os personagens, em outros, a memória. O pensamento dos personagens são os mais explorados, em contraponto com a paisagem e os acontecimentos momentâneos, todos narrados de forma lenta.

Utiliza-se da ênfase na reflexão dos protagonistas, personagens passivos que vivem da forma e na condição que lhes é imposta, enfrentando os problemas, as dores e as dificuldades da vida sem se lamentarem nem considerarem que são vítimas da realidade. Desse modo a única forma de se mostrarem insatisfeitos com a condição de suas existências, é a reflexão, a qual resulta na evolução individual.

De acordo com Neves (2015, p. 140), as experiências pessoais dos protagonistas compõem a maior parte da narrativa, com a finalidade de afirmar a história pessoal como síntese de uma história coletiva. Desse modo, Lisboa, através das histórias individuais, desenvolve a história coletiva por tratar temas que levam em conta a memória/história individual que evolui para a coletiva, que muitos se encontraram inseridos, por terem vivenciado esses fatos, ou até mesmo por conhecerem esses acontecimentos por terceiros.

É comum em suas narrativas a abordagem do estrangeiro, aquele que reside em um país onde não nasceu. A autora procura ilustrar o sentimento daqueles que se encontram em uma nação diferente da sua, os possíveis medos, preconceitos e a forma como eles lidam com a nova cultura, sempre levando em consideração a cultura que tinham em seus países de origem.

Retrata o deslocamento do homem, o sentimento de estranhamento que este sente em um lugar diferente, e a sua falta de compreensão pelos nativos e a constante necessidade de comparação sentida. De acordo com Neves:

a temática da migração concentra-se mais na formação da identidade e na autorreflexão para o entendimento do eu migrante do que na discussão histórica ou política do deslocamento, exílio e das identidades híbridas do sujeito formado por duas ou mais culturas e nações. Trata-se de uma narrativa que salienta a melancolia do imigrante que, na impossibilidade de identificar-se totalmente com o ambiente em que vive, torna-se emocionalmente alienado à realidade em que habita. (NEVES, 2011, p.140-141).

Adriana Lisboa utiliza-se desta temática, assim como da memória, como sendo um fator de construção identitária pelas constantes reflexões que esse fator acarreta, o migrante procura entender-se como indivíduo e como um novo habitante daquele local. A forma que a identidade precisa se adequar a duas nações cria assim um sujeito híbrido, ou seja, o que é formado por duas nações distintas.

Em suas obras também é comum o fato de o exílio ser levado em consideração, a forma como esse acontecimento marca o ser humano diferente daquele que desejou se ausentar de sua nação, o exilado foi obrigado a isso, desse modo, a capacidade de adaptação se torna mais difícil e conturbada, pois aquele que foi exilado muitas vezes se nega à adequação.

A melancolia daqueles que se ausentam é bastante ressaltada como sendo uma das responsáveis por dificultar a inserção do sujeito no novo ambiente e, por conseguinte, a sua insatisfação diante das suas tentativas. Acabando por ocasionar a alienação emocional, ou seja, o sujeito desiste de tentar se adaptar, tornando-se neutro diante dos acontecimentos, e passando a ser portador da falta de consciência das suas emoções.

Diante de sua realidade, dos fatos que acarretaram sua condição, a comparação é constante, como forma de lembrar o passado e demonstrar saudades. Dessa forma o indivíduo se entrega por completo a monotonia. A qual é representada pelas ações mecânicas e rotineiras desenvolvidas por seus personagens, que costumam pertencer a meios sociais que não os acolhem, nem os representam, tanto pelo fato de se recusarem a fazer parte deles quanto os integrantes nativos não demonstrarem interesse de integração.

Lisboa explora a unificação de indivíduos pertencentes a outras nações, criando assim grupos independentes de suas nacionalidades, o que os unem é apenas o sentimento de ser

estranho ao local que habitam. Essa questão é abordada no âmbito daquele que se vê deslocado e não daquele que observa o deslocado, retratando o sentimento do estrangeiro.

As obras apresentam o contraste do tempo e do espaço urbano com o tempo e o espaço mental dos personagens, descreve “como espaço urbano serve como artefato para representar o tempo do cotidiano da cidade em contraste com o tempo do espaço mental, constituído por memórias e reflexões” (NEVES, 2011, p. 141).

Os ambientes mentais e urbanos, descritos e enfatizados pela autora, “em alguns momentos esses dois espaços, o mental e o urbano, se cruzam, criando um espaço único que funde as ansiedades e as memórias da personagem e o cenário da vida urbana contemporânea”, como afirma Neves (2011, p. 141).

Se analisarmos a partir dessa perspectiva, pode-se pensar que a ideia de descrever o espaço urbano, assim como o espaço mental, detalhadamente, seja uma estratégia de fundir o ser humano contemporâneo, sendo ele um turbilhão de sensações, pensamentos, incertezas, medos, memórias, acontecimentos, e ações, algumas desencadeadas por ele e outras definitivamente não.

Lisboa deixa em segundo plano a representação mais comum da cidade, que enfatiza a narração de acontecimentos mundanos, os caminhos percorridos e as pessoas com quem se encontra (elementos comuns na crônica) para salientar os sentimentos, as emoções e as memórias que esses lugares desencadeiam nas personagens, o que dá um tom mais intimista e psicológico para a narrativa (NEVES, 2011, p.145).

Como mencionado acima, os fatos corriqueiros de um centro urbano abrem espaço para os acontecimentos ligados à psique dos personagens. Esses acontecimentos são acionados pela memória que aquele local traz a esse personagem, dessa forma, as obras de Lisboa expressam a intenção de representar suas criações psicologicamente, não só o resultado final dos acontecimentos psicológicos, mas também a forma em que foram construídos.

É comum que seus personagens, por terem vivenciado acontecimentos trágicos possuam um certo descontentamento e desesperança em relação a suas vidas, que se tornaram monótonas e desinteressantes.

Os fluxos de pensamentos são constantes, assim como as interrupções destes, o que causa assim o choque de realidade, esta que se mostra contrária à idealizada, e até mesmo a vivida anteriormente, que foi interrompida de forma brusca.

Ao mostrar os locais em contraste com os pensamentos e memórias, Lisboa mostra que estes, assim como o indivíduo, são formados por memórias, imaginação, traumas e idealizações.

2.3 *Azul corvo*: notas introdutórias

Azul corvo é um romance memorial, sendo ele uma ferramenta de resgate da memória cultural¹. As obras memoriais buscam falar dos pais com o intuito de defini-los, mostrar suas razões de ser como modo de definir a si mesmo. Dessa forma, mostrar os fatores formadores dos ancestrais e de si mesmos, mostrando-se herdeiros da cultura paternal, a qual continua sendo transmitida familiarmente por meio da memória. Para Zila Bernd,

O romance memorial está, pois, associado à preservação da memória cultural, a transmissão inter e transgeracional² e a postura do sujeito narrador de assumir-se como herdeiro – para dar continuidade ao patrimônio memorial herdado – ou romper com ele. Cabe lembrar que a memória pode ser transmitida de uma geração a outra (intergeracional), podendo ir além dos ancestrais terrenos (pai/mãe/, avô/avó) (BERND, 2014, p.408)

O romance memorial busca preservar a memória e/ou acontecimentos passados presenciados por gerações anteriores àquele que narra, sendo independente a geração, podendo ser esta daqueles que ainda vivem, ou daqueles que já faleceram. Aquele que narra se faz herdeiro deste passado considerado por ele rico e importante, desse modo narra os acontecimentos a partir de sua concepção e da maneira que esses acontecimentos podem refletir em sua vida.

É possível se atentar que essa busca pelo passado familiar que a protagonista busca com tanto desejo, seja um mecanismo de formação da identidade individual, a necessidade de conhecer o passado e a cultura da geração passada, como forma de afirmação identitária.

Para Bernd (2016, p. 410), essa necessidade de reconstruir o passado é um fator importante para definir sua existência e através desse processo (re)significar, e (re)construir o presente, como um processo de lembrar e esquecer, considerando o que é necessário pra a formação como indivíduo. Ainda de acordo com Bernd (2014, p. 408-409): “em geral, o

¹Memória cultural pode ser definida como aquela que incorpora os elementos que pertencem à esfera da sensível e do simbólico, os quais escapam ao registro hegemônico do poder e sua tentativa de apagar os rastros memoriais de fatos que interferem no projeto de construção de identidade nacional. (BERND, 2014).

²Intergeracional: entre duas ou mais gerações. Transgeracional: várias gerações.

romance é narrado por um herdeiro ‘problemático e inquieto’ que investiga a vida de seus ascendentes”.

Características presente em *Azul corvo*, narrado por uma jovem que perderá a mãe vítima de uma doença não mencionada. Desse modo, pode-se considerar essa personagem Vanja (Evangelina), como um herdeiro problemático e inquieto, pois o fato de ter perdido a mãe, especificamente aos treze anos, desperta o desejo de saber sobre seu pai, decidindo procurá-lo pelo mundo. Para isso precisa da ajuda de seu padrasto, que se torna seu único vínculo de investigação do passado de sua mãe e seu pai, que não conhecerá. Sobre esse romance, diz Zila Bernd,

a memória atua como o fio condutor da narrativa, levando a protagonista-narradora, Evangelina (Vanja) por caminhos desconhecidos, revelando informações sobre seu passado, assim como o de seus familiares, ao mesmo tempo em que articula as memórias de pessoas sem laços consanguíneos, mas pertencentes ao universo social e cultural percorrido pela protagonista através da rememoração (BERND, 2014, p. 414).

Como afirmado acima, a narração tem como um fio condutor a memória daqueles que convivem em seu meio (padrasto e amigos), absorvendo informações tanto de sua mãe como de um passado obscuro do Brasil, no qual Fernando, seu padrasto, esteve envolvido.

Desse modo, o romance memorial:

apresenta-se como uma forma narrativa centrada na anterioridade, ou seja, para entender-se como indivíduo social e cultural, o narrador necessita reconstruir a trajetória de vida dos seus antecedentes, fazendo uso da memória como elemento principal desse aceso ao passado. É importante mencionar que, durante o processo de desentendimento de momentos cruciais da existência dos ancestrais, elementos integrantes da memória familiar podem ser reforçados ou negligenciados, dependendo da situação em que se encontra o narrador no presente (BERND, 2014, p. 416-417)

Ainda segundo Zila Bernd,(2014) a obra de Adriana Lisboa:

integra o contexto do romance memorial no Brasil, pois além de apresentar as características evidenciadas de sua constituição enfatiza de modo exemplar a busca pela anterioridade como meios de posicionar-se no mundo e, principalmente, situar-se como sujeito com uma identidade em contínuo processo de construção e desconstrução (BERND, 2014, p. 417).

A partir desse excerto se tem a ideia que Adriana Lisboa é uma grande representante desse gênero no Brasil, pois suas obras apresentam de maneira sucinta como a memória é

capaz de construir o indivíduo e a necessidade de conscientização do passado para a construção de novas memórias, ou até mesmo a desconstrução de algumas delas.

CAPITULO III

MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *AZUL CORVO*

3.1 A memória contada

Narrado em primeira pessoa, *Azul corvo* é um romance de memórias, como afirmado no capítulo anterior. De acordo com Bernd, esse tipo de romance tem como principal objetivo a busca pelo passado como forma de se posicionar no mundo e de construir-se assim como sujeito.

A narradora utiliza-se de comparações entre lugares, passado e presente, desse modo, o livro se inicia com a comparação entre Denver nos Estados Unidos e Copacabana no Brasil. É a partir desse ponto que se tem acesso à história, contada por Evangelina, chamada de Vanja, uma narrativa baseada em sua memória, que se inicia por volta de seus 12/13 anos de idade. O tempo narrado é o presente de Vanja, quando está com 22 anos.

Após perder sua mãe de uma doença não mencionada, a garota muda-se para a casa de sua tia Elisa, decidindo depois de um ano que iria procurar seu pai, até então desconhecido. A única coisa que sabia era que ele não era brasileiro e muito menos morava no Brasil.

Decidiu então, com a ajuda de Elisa, enviar uma carta para o homem que a registrou, Fernando, que foi casado com sua mãe (Suzana) no período em que ela viveu nos Estados Unidos, antes mesmo de conhecer o pai da jovem. Ao receber o retorno da carta, Vanja já estava de malas prontas para se mudar para o Colorado nos Estados Unidos.

Em Lakewood, subúrbio de Denver, é onde a narração se inicia. São narrados a princípio, sua dificuldade de adaptação, os conflitos internos de uma adolescente, a escola, o clima e o local. Fernando trabalha de segurança em uma biblioteca, e se mostra um homem extremamente fechado, e isso desperta em Vanja o interesse em conhecer aquele que lhe ofereceu abrigo e proteção.

Quando Fernando finalmente se abre com a garota revelando o passado de sua mãe e o seu, a narrativa muda de foco e Vanja deixa de ser o personagem principal para dar espaço a Fernando, transformando-se em uma narradora que faz o papel de porta-voz daquele homem que possuía um passado obscuro e com muitas lacunas.

As memórias de Fernando começam a vir à tona quando Vanja lhe pergunta sobre a mãe e porque ele havia se mudado do Brasil para nunca mais retornar. Aos poucos ela descobre que ele é um ex-guerrilheiro do Araguaia, e havia se mudado para outro país como forma de fugir das consequências de seu passado, visto que nesse período os militantes

corriam risco de vida, fazendo assim de Fernando um dos poucos sobreviventes do massacre que aconteceu no local.

Aos poucos Fernando vai se desprendendo de suas memórias, narrando seu passado, desde a academia de Pequim, onde foi com outros comunistas aprender técnicas de guerrilha, contando detalhadamente como era a guerrilha, como se comportavam, se sentiam, e se organizavam, fazendo questão de contar o romance que teve com Manuela, a mulher por quem se apaixonou e desapareceu tempos depois.

Por ter desistido de ser guerrilheiro quando os militares entraram com estratégias que visavam acabar com todos os que no Araguaia lutavam, mudou-se de país, dando início a uma nova história que vai sendo narrada para Evangelina.

Os dois moravam sozinhos, mas existia um garoto chamado Carlos, de El Salvador, que frequentava a casa deles. Vanja o ajudava com o inglês, ele e sua família haviam se mudado para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, porém viviam clandestinamente no país.

Nas férias de fim de ano os três viajam em busca de pistas sobre o pai da narradora, procuram antigos amigos de sua mãe e descobrem sua avó paterna, Florence, que a coloca em contato com o pai, Daniel, que mora na Costa do Marfim, na África.

Fernando morre quando Vanja tinha 21 anos, e após um ano, Vanja conta sua história.

3.2 A necessidade de Vanja buscar seu passado

Vanja, como todo ser humano, necessitava ter uma história para se situar no mundo e saber-se conhecedora de si mesma, isto é, sentir-se como parte do universo. Contudo, pelos fatos que ocorreram em sua vida, desde suas primeiras lembranças, as únicas coisas que se fazem presentes nela são a praia de Copacabana e sua mãe, Suzana.

Após perder a mãe, aos doze anos, Vanja se choca com a realidade e percebe que está sozinha, tanto na puberdade, um momento de transição, quanto na sua vida social, sem deixar de perceber que não possui um passado além dos momentos vividos com sua mãe.

Após o primeiro ano da morte da mãe, Vanja relata seu sentimento de não se sentir no mundo durante esse tempo:

Foi no mês de julho. E se o ano seguinte ficou desabrigado, não devia de haver nada de estranho nisso. Existia uma luta ali, uma guerrilha interna: não ter pena de mim mesma, apesar de todos os diminutivos que ouvia, ao meu redor, vindos de bocas levianas – coitadinha, pobrezinha e afins. (LISBOA, 2010, p. 74)

Como descrito pela narradora, foi um ano de lutas internas, as quais consistiam em moldar-se de modo a não se auto vitimizar, não se considerar uma vítima dos acontecimentos, por mais trágicos que fossem.

Desse modo, esse ano é retratado como um período de isolamento, o qual foi necessário para a superação quando a narradora prefere desconsiderar sua existência, tanto pela dor que o antecipou, quanto pelo período que foi marcado por leviandades de outras pessoas e sua guerrilha íntima. Sendo esse período o que proporcionou seu impulso de vida, aquele que vem através da morte de um ente querido, e a superação, foi o período em que viveu com Elisa, sua tia, um período de não existência, até o momento que decide se mudar

Quando seu ano finalmente inicia, em julho do próximo ano, somente nesse momento que se tem o ano-novo, este que representa sua vitória sobre a guerra travada há um ano, agora com 13 anos “naquele mês de julho, o primeiro mês do meu ano-novo (LISBOA, 2010, p. 17).

Aos 13 anos, já em Lakewood, Colorado, a protagonista se encontra com os conflitos da puberdade, da migração e da falta familiar.

Eu tinha 13 anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar no meio de lugar nenhum. Numa casa que não era minha, numa cidade que não era minha, com uma família de um homem só que não era, apesar das interseções (todas elas muito boas), minhas (LISBOA, 2010, p. 16).

Essa fase materializa a constante sensação de não se estar em lugar nenhum, sentir-se como um peixe fora d'água, ainda mais pelo fato de estar em lugar totalmente diferente, não possuir intimidade com ninguém por mais que existisse intenções disso.

Mesmo que inconscientemente Vanja compreende a necessidade histórica para a formação individual, compreende que a subjetividade é um fator importante para o homem e que esta não pode ser adquirida apenas com relação a experiências individuais. Mas a partir das experiências passadas, da herança cultural, familiar e histórica que cada homem abarca, mesmo sendo essa particular e interpretada de maneira única por cada ser de modo que possa se tornar significativa em relação ao contexto social e individual.

As memórias de Vanja são acionadas a partir da comparação em relação ao Brasil com o seu novo estado, mais especificamente da praia de Copacabana e a piscina coberta de Denver onde Fernando ia aos fins de semana.

Essa é uma de suas primeiras comparações descritas no livro. É comum em sua narrativa a comparação entre animais brasileiros e estrangeiros, a forma como as baratas se comporta nos dois lugares, ou melhor, a forma como elas não aparecem em Lakewood.

Em certos momentos ela compara a cor das conchas do mar de Copacabana com a cor dos corvos de Dever, chegando assim à conclusão de que os corvos de Denver são azul-concha, e os moluscos de Copacabana são azul-corvo. Desse momento de comparação se pode compreender o título do romance, *Azul corvo*. Zila Bernd afirma que:

nomeação do livro indica uma ligação entre Brasil e Estados Unidos, uma vez que a cor azul pode ser encontrada tanto nas conchas do mar de Copacabana, como nas penas dos corvos de Denver. O azul-corvo representaria o elo afetivo de Evangelina com os dois países, enquanto lugares que marcam de forma definitiva a construção de sua identidade. (BERND, 2014, p. 415)

Pensando na ideia de identidade difundida por Stuart Hall, concordamos que na modernidade a identidade sofreu mudanças, ou seja, antes seria um elemento fixo e imutável, mas nos tempos atuais o homem se tornou um ser fragmentado e sua identidade também se fragmentou, de modo que conforme o local que o indivíduo se encontra precisa moldá-la para que esta esteja de acordo com as condições locais, e por esse fato deve-se pensar que a identidade está ligada ao outro, pois somente através do outro se pode ver a si, ou seja, a identidade é uma contínua alteridade (HALL, 2006, p. 9, 31-32). Por esse motivo, Vanja necessita conhecer o outro, sendo esse outro seu passado, ver-se em seu pai, em sua mãe, para que através da alteridade se construa e construa sua identidade.

O processo de criação de identidade se inicia com a busca de Vanja pelas memórias de sua mãe, que não foram transmitidas a ela. Com Fernando, Vanja encontra o porta-voz da mãe, que narra seu passado com Suzana de forma detalhada desde o primeiro contato com a mulher, o que ocasiona dúvidas em Evangelina, que são construídas e libertadas com cautela em momentos propícios. Essas dúvidas acabam levando a encontrar as memórias e o passado traumático de Fernando.

Vanja tinha dúvida do porquê de Fernando estar em Denver. Essa dúvida era constante em seus pensamentos, até que um dia sem perceber ela a liberta: “Como foi que você veio parar aqui, eu me ouvi perguntando enquanto Fernando mexia no encanamento do vaso” (LISBOA, 2010, p. 103).

Ela não sabia muito bem como se aproximar dele, e descobre uma forma de aproximação pelo acaso, descreve que “durante aquelas semanas falamos pouco: do passado,

do presente, do futuro. Quando começaram as aulas em meados de agosto, passei a me aproximar dele para pedir ajuda com os deveres de casa. Era o adulto disponível”. (LISBOA, 2010, p. 104)

Vanja não sabia que assuntos Fernando permitia, e a partir da ideia de aproximação através dos deveres de casa, ela descobriu que poderia começar a experimentar algumas perguntas. O primeiro momento em que Vanja percebe estar conseguindo extrair um pouco de intimidade de Fernando, aquele homem que se mostrava quieto, reservado e duro, é no momento em que ele está lendo os deveres de casa, e o compara com um inseto que perde sua casca dura e grossa, revelando um interior mole.

O dedo troncudo da mão troncuda sublinhava os números, e naquele quadro doméstico, sentado ao meu lado na mesa com os pratos sujos ainda na pia, com os óculos de leitura, Fernando parecia um inseto trocando o esqueleto externo e revelando um interior macio, quase frágil (LISBOA, 2011, p.104).

Nesse momento Vanja passa a enxergar aquele homem com aparência séria e comum, como um ser como ela, alguém que sente e tem histórias. Vanja passa a compreender que Fernando não seria apenas um segurança de biblioteca, que leva a vida sem interesse, compreende que as circunstâncias do passado ocasionaram seu estado. Começa, assim, a considerar os traços de sua personalidade, agora bem diferentes, como sendo características de um passado, e por conseguinte começa a entender a maneira como o passado é capaz de influenciar na formação identitária.

A aparência de Fernando como descrita não era capaz de representar seu interior, por isso a narradora o compara com um inseto que troca o esqueleto, uma troca que representaria suas memórias que estavam sendo transmitidas, revelando assim seu interior que não se assemelhava com a sua aparência dura.

A narrativa muda de foco no momento em que Fernando responde à pergunta de Vanja e começa a relatar o motivo de não estar mais no Brasil: “Estava lá porque não podia ficar no Brasil” (LISBOA, 2010, p. 107). Com essa afirmação, a busca de Vanja por seu pai se torna plano de fundo para os testemunhos de um sobrevivente da ditadura militar brasileira.

Nesse momento a afirmação de Evangelina no início da narrativa toma proporções maiores do que se pensava “e a inclusão do Fernando como personagem numa história que a princípio não tinha nada, ou quase nada, a ver com ele. Mas que acabou sendo dele tanto quanto minha” (LISBOA,2010, p.77).

Nesse momento da narrativa, o leitor percebe que Vanja está incluindo o padrasto em uma história a princípio não cabia a ele, pois nunca havia tido contato com o homem. Porém, no decorrer da narrativa é possível perceber que Vanja passou a ser uma transmissora das memórias dos períodos silenciados por Fernando.

Essas memórias vem à tona a partir de histórias de Suzana, quando um fato puxa o outro, e seus motivos de estar fora de sua terra natal são acionados através dos motivos de Suzana. Suas lembranças não são descritas de forma linear, apesar de a narrativa possuir uma certa linearidade, são relatadas de acordo com as dúvidas de Vanja..

Dessa maneira, a narrativa demonstra a memória como é de fato, truncada, acionada por outras específicas ou por acontecimentos diários que remetem ao passado, que acabam levando a um fluxo constante, sequencial ou anterior, que necessita ser moldado para fazer sentido. Como a própria personagem descreve em um dado momento.

Mas de todo modo, entre as coisas de que a gente se lembra, entre as que conhece e as que desconhece, é preciso tapar os buracos da memória com a estopa que se dispõe. E talvez qualquer tentativa de conhecer o outro seja sempre isso, nossas mãos moldando tridimensionalidades, nosso desejo e incompetência montando um álbum de colagens para fazer levantar dali um morto, um amigo, um amante misterioso que quando clareia o dia vai para a janela e fica contemplando o nada, sem dizer uma palavra (LISBOA, 2010, p. 173-174).

Em outro momento Vanja, que alimentava em seu interior centenas de perguntas sobre a vida de Fernando, pergunta pelo motivo de Fernando não poder permanecer no Brasil na época. Ele responde ter sido por causa dos militares:

Estavam atrás de mim. A polícia? O exército. O que você fez? Algumas coisas. Erradas? Na opinião deles sim. Eram tempos difíceis. Eu não sabia se devia ou não sacudir Fernando para que ele me contasse logo o que acabou me contando ao longo dos meses seguintes (LISBOA, 2010, p. 131-132).

Nesse momento Vanja deixa seu lado infantil tomar conta de si e a curiosidade, uma marca da infância, toma conta dela, consumindo-a. Porém, é perceptível que ela havia adquirido um certo amadurecimento advindo da puberdade.

Mas a ideia de sacudir Fernando dava certo medo, ainda. A ideia de segurar aqueles calombos musculares e agita-los, como se eu tivesse direito a vida dele. Não tinha. Já era demais estar ali apenas porque ele algum dia me havia dado de presente seu nome em minha certidão de nascimento (LISBOA, 2010, p. 132).

Vanja possui a consciência, talvez a culpa, de estar ali como uma visita não convidada, percebe o lugar que ocupa, pensando ser este um lugar em que não deve fazer diferenças significativas na vida de Fernando, porque, afinal de contas, ele não possui nenhuma ligação com ela de fato, mas com sua mãe antes mesmo de sua existência. E ainda, Fernando era apenas o homem que emprestou seu nome a ela e estava ali apenas por isso, já era demais, o que diria se resolvesse se apossar da vida dele.

3.3 Viagem e memória

Quando a presença de seu vizinho Carlos, o garotinho de El Salvador, se torna mais frequente para jogar no computador de Fernando e para aprender um pouco mais de inglês com Vanja, ela se torne, mais viva, pois agora tem um outro ser humano além de Fernando para se ocupar.

Na escola era vista como uma verdadeira estrangeira, todos a indagavam como era o Brasil, e ela se relacionava com uma garota indiana, que daria uma festa de aniversário. Ela porém não poderia ser convidada.

No momento em que Vanja conta esse fato a Fernando, ele lhe conta que tinha retomado o contato com uma amiga de sua mãe que morava em Santa Fé, e a convidou para ir visitá-la, afinal estava de férias. Vanja sugere levar Carlos, que aceita e implora para seus pais até conseguir a aprovação.

Essa viagem foi de extrema importância, pois criou um ambiente propício para mais dúvidas em Vanja. Ela, Fernando e Carlos precisaram passar horas juntos dentro de um carro, sem outras tarefas para realizar, o que proporcionou um ambiente favorável para que suas dúvidas fossem dissipadas.

Você nunca teve vontade de voltar ao Brasil? Perguntei ao Fernando. Pensei nisso algumas vezes. E porque nunca voltou? Não tem muita coisa para mim no Brasil. Como assim, não tem muita coisa pra você no Brasil? Você é de lá, saiu porque foi obrigado a sair. (LISBOA, 2010, p. 197)

Até o dado momento, Vanja acreditava que Fernando havia sido obrigado a sair do Brasil por contrariar a política do período. Pensava que sua estadia no Colorado não era de sua vontade, e muito menos que ele teria se deixado levar para outro estado.

É nessa viagem que Fernando esclarece tudo sobre seu passado, e Vanja até se esquece de se preocupar com o seu.

Vou te dizer a verdade Vanja, eu não fui obrigado a sair. Sai porque quis. Sei que um dia te falei isso, que tive que sair. Mas ninguém me mandou embora, e outras pessoas na mesma situação ficaram. Estão por aí até hoje. Algumas no governo. Pagam um preço, claro. Mas eu também paguei (LISBOA, 2010, p. 197).

Fernando esclarece a garota que foi uma escolha sair do Brasil, se tivesse permanecido estaria vivendo da mesma forma. Nesse momento é possível começar a ter uma ideia que Fernando saiu de seu país natal como forma de se salvar e também esquecer um passado que começa a ser desvendado detalhadamente pela garota.

Por ser um passado traumático é possível que Fernando tenha optado por deixá-lo em silêncio por um período, ou seja, esquecido temporariamente, como se nunca houvesse ocorrido, acreditando que desse modo a dor e o sofrimento dos tempos difíceis seriam amenizados.

Durante o período em que buscou se ausentar do passado, Fernando deixou que seu novo emprego de segurança fizesse com que se acostumasse com o silêncio e tivesse tempo suficiente para pensar em sua dor, se tornando um homem fechado e silencioso o que contribuiu para que sua dor fosse reformulada, aceita e transformada em amadurecimento.

É possível pensar nos acontecimentos passados da vida de Fernando a partir de uma amplitude histórica, visto que os sobreviventes da guerrilha não eram bem-vindos e considerados, já que essa história possuía a incessante tentativa de apagamento. Talvez por esse fato Fernando tenha se mantido em silêncio, por sentir medo de dizer algo indesejado, ou até mesmo de que as pessoas não acreditassem no que estava dizendo.

Somente anos depois, quando Edvanja se muda para sua casa, que ele se sente seguro pra relembrar o passado, muitos anos haviam se passado desde a época em que viveu na Amazônia, estava longe de sua terra natal, sendo ela o local onde tudo aconteceu, agora podia sentir segurança em testemunhar um passado sem ter represálias, levando em conta que sua ouvinte era uma garotinha curiosa e interessada tanto por suas histórias, quanto em possuir um passado próprio.

3.4 Memória, arquivo e literatura

Toda a história narrada pelo personagem tem o trauma presente, e o fator de impulsionamento de vida, ou a regressão do viver, no caso, Vanja se sente impulsionada pelo trauma, enquanto Fernando regride. Os dois possuem motivos que justificam suas escolhas, que podem ser expressos em uma reflexão da jovem em relação a sua decisão de sair do Brasil.

Hoje sei que se não tivesse feito o que fiz eu ia me solidificar naquela vida, um osso que cola torto. Era aquela a brecha que previa o impulso, o momento certo de pular clandestina dentro do trem de carga quando ele passa, se fosse essa a única maneira de sair por aí, e se fosse necessário sair por aí (LISBOA, 2010, p. 88).

Nesse momento o sofrimento que a garota sentiu com a perda da mãe, e a decisão de se ausentar do local que a vitimizava, é tido como o impulso que a garota necessitava para seguir em frente, progredir em relação ao seu passado.

Agora se pensarmos nesse excerto na perspectiva de Fernando, podemos considerar que ele também resolveu se ausentar do local de sua dor, não pelo fato de se considerar uma vítima, mas sim porque quis fugir da culpa e de tudo que lembrava a decisão de abandonar a guerrilha e a mulher que amava

A narrativa dá a entender que foi durante a viagem que os três estrangeiros fizeram que o passado de Fernando fosse revelado durante uma noite quando a narradora e o agora personagem principal se encontravam com insônia. Neste momento os dois conversam movidos pela pergunta inesperada de Fernando, tanto para o leitor quanto para a narradora:

quer que eu te conte as coisas que não contei a sua mãe? Fiquei calada e escutei. Durante um bom tempo, só escutei. Nunca perguntei ao Fernando por que ele resolveu falar, naquela noite. Se por acaso resolveu indenizar minha mãe pelo que não tinha contado a ela contando-o a filha dela. (LISBOA, 2010, p. 243).

Nesse excerto dá-se a entender que os fatos da guerrilha contados por Fernando, desde o início do livro, foram todos revelados nesse ato, durante uma noite apenas, quando a narradora, agora testemunha, emaranhou suas memórias com as de Fernando.

Eu estava mesmo querendo falar daquele assunto. Muita gente não estava, era um assunto que ficava melhor fora da história oficial, mas a dúvida as vezes rói como um bicho. E ela roía, sim, uma pequena e paciente traça caminhando por entre letras, números e carimbos dos arquivos da guerrilha mantidos secretos pelas Forças Armadas. (LISBOA, 2010, p. 115)

As memórias de Fernando, por serem fatos que revelam traços de uma história interrompida, uma história negada oficialmente, transformam *Azul corvo* em arquivo. Mesmo se tratando de uma obra ficcional, representa fatos obtidos informalmente com relatos que não constam na história geral, e que habitam as pessoas que vivenciaram o período, se faz um

documento para aqueles que sabem da realidade do período, mostrando o outro lado da história oficial.

Fernando é o representante desse tipo de memória, a memória indesejada de um país que prefere ignorar os acontecimentos, do que assumir o papel de portador de fatos históricos que denigrem sua imagem.

O fato de Fernando ter se expressado apenas nesse momento, ou seja, não ter contado seu passado nem a mulher que amava, novamente nos leva a pensar na possibilidade de não estar preparado para transmitir as atrocidades que presenciou, e não se sentir seguro para isso.

Descrito como um álbum de fotografias que ele não fazia questão alguma de mostrar para as visitas, as memórias de Fernando são escondidas. “Eu achava que ele talvez não quisesse falar do assunto. Fernando não parecia alguém que guardava o passado em álbuns coloridos de fotografias para mostrar as visitas.” (LISBOA, 2010, p. 106), diz a narradora. Ou seja, era um passado obscuro que ele não sentia vontade de contar a ninguém porque também sentia vergonha, e principalmente se culpava pelo fato de ter abandonado a guerrilha pela qual lutou e acreditou fielmente, se mostrando traidor ao deixar tudo para trás, as escondidas.

Se culpava por ter desistido não só dos objetivos daqueles que lutavam no momento, sentia-se envergonhado por tudo, por ter abandonado os amigos que fizera e principalmente Manuela.

O mateiro que estudou na China, fabricante de armas, comunista desde a adolescência, o homem com cara de garoto e braços duros que não tinha medo de nada, o goiano que antes de ir para o Araguaia já não conseguia emprego em lugar algum por causa da sua ficha suja (contra a pátria não há direitos) achava as duas coisas conciliáveis. As forças guerrilheiras e a moça de codinome Manuela que achava que ia morrer de malária (LISBOA, 2010, p. 121-122).

Fernando era jovem, sonhador, havia estudado técnicas de guerrilha em Pequim, para onde foi com companheiros comunistas, e voltara ao Brasil com o intuito de fazer a revolução, de modificar a política brasileira. Enquanto estava nas matas em torno do Araguaia conheceu Manuela, uma garota jovem, bonita e vaidosa por quem se apaixonou e no seu pensamento de garoto, acreditava e tinha esperanças de que tudo era conciliável, assim como todos que lutavam ao seu lado.

Se tudo corresse como planejado, talvez Fernando não se envergonhasse de seu passado, porém todos os seus planos e esperanças foram modificados por seu instinto de vida, que acabou levando a uma vida mecânica, “a vida era uma contradição de termos: ele havia deixado a vida para trás a fim de continuar vivo, anos antes, e essa equação funcional e ilógica

dava choques elétricos todos os dias nas cicatrizes abertas que ele não guardava do suicídio que não havia tentado cometer” (LISBOA, 2010, p. 176).

Da mesma forma que o trauma impulsionou Vanja a buscar seu passado, fez o contrário a Fernando, fazendo com que ele buscasse esquecê-lo. Fernando narra que nos últimos meses da guerrilha enquanto caminhavam na mata, tem um choque de realidade, e percebe que aquilo não o levaria a nada.

As atrocidades que testemunhara, vindas do exército o desmotivaram fazendo com que ele lutasse para continuar vivo, deixando sua vida para trás. Até aquele momento sua vida se resumia em lutar pelos seus ideais e pela proposta de um novo país e, principalmente, pela mulher que amava, Manuela. Quando desiste da guerrilha, Fernando desiste da vida que planejará, torna-se um ser mecânico, e como forma de perder o contato com tudo aquilo, resolve sair do Brasil.

As cicatrizes que possuía não eram de tentativas de luta contra a opressão, nem de tortura, eram cicatrizes da culpa que sentia por ter abandonado aquilo que o movia.

Somente com Suzana, mãe de Vanja, ele consegue retomar seu folego de vida:

Fazia anos que precisava de algo em que pensar e só agora se dava conta. Precisava de um território onde abrir picadas para voltar a se reconhecer. Fazia anos que não sentia o peso familiar do corpo de uma arma. Fazia anos que não sentia necessidade de amar uma mulher para além do compromisso cotidiano com a subsistência, só para evitar a chave de pescoço da solidão. (LISBOA, 2010, p. 175-176).

Quando Fernando encontra Suzana retoma sua vontade de viver, sair da subsistência, sente novamente vontade de lutar por algo, que luta e conquista, porém Suzana o abandona, não revelando os motivos, fazendo assim com que Fernando retornasse à sua vida sem ânimo, voltasse a ser apenas mais um ser humano no mundo.

Contudo, ele não representa apenas isso, ele representa o passado de um país, um fragmento indesejado da história, o qual relata agora anos depois para a filha da mulher que ele amou, talvez como forma de se redimir com a vida e com o passado.

O livro sugere a ideia inicial da memória de uma jovem, que é substituída pelas memórias de um ex guerrilheiro do Araguaia, que tem um passado ignorado pela história. Fernando vê Vanja como uma receptora, que passará a portar e ser também uma testemunha de seu passado, uma garotinha, que a princípio não tinha nenhuma relação com ele, além de seu nome na certidão de nascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos fatos mencionados conclui-se que a busca por um passado é algo importante para a formação do homem, o qual muitas vezes se sente impulsionado pela morte para se conhecer. A memória é um fator importante para a construção subjetiva do ser, se mostrando necessária para a evolução individual.

Quando Edvanja percebe a necessidade de se auto afirmar com um ser humano detentor de um passado, busca-o de forma incessante até o momento em que o conhece, procurando se encontrar e moldar-se como pessoa. Fazendo assim de *Azul Corvo* “um romance de formação” ao contar o percurso de uma menina dos 13 aos 22 anos, quando se dá a enunciação do romance, momento em que ela assume a postura de uma mulher adulta, que tem casa e emprego. como observa Figueiredo (2017, p. 94).

Desse modo pode-se afirmar a importância da memória para a formação do homem individual, a partir da construção identitária de Vanja durante o percurso em que viveu nesses anos até poder se afirmar como mulher aos 22 anos.

Quando finalmente encontrou seu pai na costa do Marfim, percebeu que isso não tinha tanta importância, pois compreendeu que a verdadeira família não precisa ser biológica, precisa ser construída através das relações afetivas.

Chegando assim na conclusão que sua verdadeira família é Fernando e Carlos, o garotinho de El Salvador que opta em não se mudar com a família de volta ao seu país de origem, preferindo morar com Vanja, na casa que era de Fernando.

Vanja se torna então dona de si, e compreende os verdadeiros valores da vida, principalmente por Fernando ter feito dela uma testemunha da guerrilha do Araguaia, o que fez com que a jovem compreendesse o que era realmente importante na vida de uma pessoa, chegando a conclusão de que a memória e o testemunho são fatores importantes para a construção individual e coletiva e nunca podem ser esquecidos de modo a não fazer com que o passado se repita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANA LISBOA [Verbetes]. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa469846/adriana-lisboa>>. Acesso em: 01 de nov. 2018.

BERND, Zilá; SOARES, Tanira Rodrigues. Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 18, n. 3, 2016, p. 405.

BERND, Zilá. Romance memorial ou familiar e a memória cultural; a necessidade de transmitir em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. *Revista Organon*, Porto Alegre, I.L. UFRGS, n. 57, v. 29, jul-dez. 2014, p. 15-27.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. Golpe Militar de 1964. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/golpe-militar-de-1964/>>. Acesso em 30 de out.de 2018.

FÉLIX, Regina R. Tom, volume e arranjo no chiaroscuro da memória: Sinfonia em branco, por Adriana Lisboa. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 37, p. 93-103, 2011.

FERRARINI, Pâmela Pitágoras Freitas Lima; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. O conceito de memória na obra freudiana: breves explicações. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 109-118, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa—século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro, *Editora Nova Fronteira*, 2000.

FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro, *7Letras*, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: *Editora 34*, 2006.

GRYNSZPAN, Mario *A questão agrária no governo de Jango*, 2017. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/Jango/naPresidenciairepublica/aquestaoagrarianogovernoJango>>. Acesso em: 07 de setembro de 2018

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, 10. ed. *DP&A*, 2005.

LISBOA, Adriana. Azul corvo. *Alfaguara*, Rio de Janeiro, 2010.

JAPIASSÚ, Hilton. Dicionário básico de filosofia. *Rio de Janeiro: Zahar*, 1990.

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia Clínica*, v. 21, n. 1, 2009.

MELO, Ramon, Adriana Lisboa, simplicidade e disciplina. 2018.

Disponível em: <<https://blog.saraiva.com.br/adriana-lisboa-simplicidade-e-disciplina/>>. Acesso em: 1 de nov. de 2018.

NEVES, Júlia Braga. Um sentido para o fim: espaços migratórios e melancolia em *Hanoi*, de Adriana Lisboa. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 45, p. 139-157, 2015.

OLMOS, Ana Cecilia. Narrar na pós-ditadura (ou do potencial crítico das formas estéticas). In: SELIGMANN-SILVA, Márcio *et al.* *Escritas da violência: representação da violência na história e na cultura contemporâneas*. Vol. 2. Rio de Janeiro: *7Letras*, 2012, p. 133-142.

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. Memória social da guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois. *Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RUDGE, Ana Maria. Paradoxos da memória em psicanálise (The paradoxes of memory in psychoanalysis). *Estudos da Língua (gem)*, v. 11, n. 1, p. 75-92, 2013.

SANTOS, Thiago Ferreira dos. Memória e conteúdo na filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein. *Revista Estudos Filosóficos*, n. 16, 2017.

TOMASI, Julia Massucheti. Esquecer, silenciar ou compartilhar o trauma: algumas experiências da memória traumática na cultura contemporânea. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, 2012.

VECCHI, Roberto. Desaparição política e ditadura militar no Brasil: a literatura como ato de restituição. *Estudos da AIL em literatura, história e cultura brasileiras*. Associação Internacional de Lusitanistas, 2015.